

O carma, a criação a partir do nada e o nirvana

Rudolf Steiner

GA 93a* Décima sexta conferência Berlim, 11 de outubro de 1905

Tradução: Salvador Pane Baruja, 18/03/2022

Uso particular e sem fins lucrativos

Quem quiser entender de forma integral como o carma age, e é o que queremos fazer agora, deve estar em condições de entender o que se chama de “nirvana“. Muitos elementos contribuem para entender o significado completo de nirvana, mas vamos tentar desenvolver uma idéia preliminar disso.

Na verdade, em todo e qualquer ação humana existe, inicialmente, muito pouco daquilo que pode-se chamar de liberdade, pois o ser humano, de fato, é o resultado dos atos que ele praticou no passado. É assim no sentido mais amplo possível. Para chegar a ser aquilo que o ser humano é hoje, foi preciso criar no passado todos os reinos da natureza. Inicialmente, o ser humano teve que colocar no mundo, passo a passo, os reinos mineral, vegetal e animal, que existiam nele. A isso soma-se o que ele acrescentou à raça lemúrica que existia na primeira terceira parte dessa época.

Tudo o que ele realizou por meios de atos, todos os pensamentos e sentimentos que passaram por sua alma, tudo isso também pertence ao seu passado, também constitui o seu carma. Olhamos, portanto, para um passado que, ao mesmo tempo, se constrói ao nosso redor através de seus efeitos. Todo o mundo ao nosso redor nada mais é do que o resultado de nossos atos passados. Da mesma maneira, o ser humano prepara agora aquilo que irá acontecer no futuro.

Contudo, encontramos permanentemente situações que, na verdade, ainda não os resultados de atos passados, mas que trazem o novo ao mundo. Uma determinada pessoa, digamos o senhor Kiem, é o resultado de atos do passado. A própria Sociedade Teosófica^{NT} é consequência de atos passados e {o fato de} que o senhor Kiem entra em contato com ela também é um desses resultados. Porém, o que surge através das relações deste senhor com a Sociedade Teosófica é algo novo, que, por sua vez, é a causa de atos futuros. Quando a luz ilumina um objeto, surge uma sombra atrás desse objeto. Isto é realmente algo novo. Observando esse efeito {da luz}, pode-se dizer que aconteceu algo novo. A relação entre os objetos gera algo novo, gera a formação da sombra.

O ser humano pensa corriqueiramente sobre coisas que já aconteceram. Mas ele também pode pensar sobre as relações de algo que não é consequência do passado, mas que somente surge no momento. Só que isso acontece muito raramente, porque o ser humano fica preso ao velho, ao que se amontoa ao seu redor. É muito incomum que circunstâncias surgidas de algo absolutamente novo façam parte do conteúdo dos pensamentos humanos. Só que, quem quiser contribuir para o futuro, deve ter esse tipo de pensamentos que geram novas relações entre as coisas. Somente os pensamentos sobre as relações entre coisas podem ser algo novo.

Isso fica muito patente na arte. O que o artista realiza, na realidade não está presente aqui {no mundo material}. A mera forma que o artista plástico produz não constitui a realidade presente;

NT: Rudolf Steiner assumiu em 1902, junto com Marie von Sievers, a direção da então recém criada seção alemã da Sociedade Teosófica. Anos mais tarde, Steiner recusou-se a aceitar a decisão da presidente da Sociedade Teosófica, Annie Besant, de considerar um jovem indiano, Krishnamurti, como a nova encarnação de Cristo. Em fevereiro de 1913, Steiner criou oficialmente a Sociedade Antroposófica e, um mês depois, Besant o expulsou, assim como a outros membros que aderiram à nova sociedade. Esclarecimentos do tradutor são apresentados entre chaves {}.

não é um produto da natureza. Na natureza existem somente as formas impulsionadas pela vida. A simples forma seria uma contradição das leis da natureza. O artista cria algo novo a partir das circunstâncias {vigentes}. Assim, o pintor pinta aquilo que surge das circunstâncias {de haver} luz e sombras. Ele não pinta de jeito nenhum o que realmente existe. Ele não pinta uma árvore, mas uma impressão, causada por todas as relações ligadas à árvore que ele apresenta.

Mesmo nas ações práticas nota-se que o ser humano geralmente nada cria de novo. A imensa maioria das pessoas faz apenas aquilo que já existia. Alguns poucos seres humanos criam a partir da intuição moral, na medida em que introduzem novas obrigações, novos fatos, no mundo. O novo chega ao mundo através das circunstâncias. É por isso que, frequentemente, fala-se que a ação moral elementar em geral repousa nas circunstâncias. Uma ação moral dessa natureza surge, por exemplo, através de atos produzidos por circunstâncias fundamentadas na benevolência. Muitas das ações apoiam-se no {que é} velho, mesmo em caso de ações e de acontecimentos que conduzem ao novo.

Uma avaliação mais precisa aponta, na maioria dos casos, para essa situação. Ações livres são apenas aquelas nas quais o ser humano não agiria em função do passado, mas nas quais ele se defrontaria com aquilo que, somente através da atividade produtiva e combinatória de sua razão, pode levar a ações {livres} no mundo. No ocultismo, essas ações são chamadas de criação a partir do nada¹. Todas as outras ações são geradas a partir do carma. São duas posições antagônicas: o carma e o oposto do carma, o nada, uma atividade que não se fundamenta no carma.

Agora, pensem os senhores numa pessoa que, inicialmente, é determinado pelo carma, determinada por ações, pensamentos e sentimentos surgidos do passado. Pensem, a seguir, que ela progrediu tanto que apagou todo o carma, que, portanto, essa pessoa está diante do nada. No ocultismo, fala-se que, quando uma pessoa age assim, ela age a partir do nirvana. As ações de Buda, do Cristo, foram realizadas a partir do nirvana, pelo menos em parte. O homem comum aproxima-se a eles somente quando é inspirado pela arte, pela religião ou pela história universal.

A criação intuitiva vem do “nada”. Quem quiser chegar a esse estágio, deverá estar completamente liberto de carma. Ele não pode mais seguir seus impulsos como o faz uma pessoa comum e corrente. A disposição que o invade é o da bem-aventurança divina, um estado que também é chamado de nirvana.

Como se eleva o ser humano até o {estado de} nirvana? Olhemos retrospectivamente para a época lemúrica da humanidade. Lá temos o ser humano assim como ele é na Terra, inicialmente andando de quatro {nas quatro extremidades}. Esse ser, no qual o ser humano se encarnou naquela época como “humano puro” (como uma mônada), se movimentava engatinhando. Como as mônadas se encarnaram nesse ser, ele foi se erguendo aos poucos e passou a levantar os membros dianteiros. Somente agora é que começa o carma. O carma humano só foi possível a partir do momento em que o ser humano utilizou suas mãos para trabalhar. Antes disso, não se cria carma individual. Foi um passo muito importante no desenvolvimento humano quando ele passou {da condição} de ser horizontal para a de ser vertical e, assim, ficou com as mãos livres. É dessa forma que ele se desenvolveu até a época atlântica.

1 Este conceito da Ciência Espiritual foi utilizado por Rudolf Steiner em outras oportunidades, conforme consta nos volumes GA 101 Mitos e lendas, símbolos e sinais ocultos (conferências em Stuttgart, 15 de setembro de 1907 e em Colônia, 29 de dezembro de 1907) e GA 107 Antropologia científico-espiritual (conferência em Berlim, 17 de junho de 1909).

O próximo estágio superior do ser humano foi aprender a utilizar a fala. No início, aprendeu a usar as mãos e, depois, a utilizar a fala. Através do uso das mãos, ele preenche o seu entorno com atos e, através da fala, com palavras. Quando ele morre, a vida que ele gerou permanece por meio de atos e de palavras. Tudo o que o ser humano realizou através de atos continua existindo como o carma humano. Mas as palavras que ele pronunciou ficam não somente disponíveis para o seu próprio carma, mas também para algo essencialmente diferente.

Olhemos para a época na qual o ser humano ainda não falava, apenas agia. Sua ação provinha exclusivamente de sua personalidade. Ela deixa imediatamente de ser pessoal a partir do momento em que começa a falar. Então, a partir daí as pessoas podem se entender mutuamente. Esse é um momento de extrema importância no desenvolvimento humano na época atlântica. A partir do momento em que o primeiro som da voz humana ressoou na Terra, o carma da humanidade passou a ficar no mundo. Quando as pessoas falam entre si, flui algo comum a toda a humanidade. Aí o carma puramente pessoal passa para ser o carma comum de toda a humanidade. Com o que falamos e espalhamos ao nosso redor, na verdade espalhamos muito mais do que apenas nós mesmos.

Naquilo que falamos, vive toda a humanidade. Somente quando as ações das mãos forem altruístas é que elas serão também para toda a humanidade. Mas com a fala o ser humano pode empreender ações que não são totalmente egoístas; caso contrário, o que foi falado seria exclusivamente de sua propriedade. A fala nunca pode ser totalmente egoísta, enquanto que as ações das mãos geralmente o são. O ocultista diz: o que eu faço com as minhas mãos pode ser simplesmente a minha ação; mas, quando eu falo, o faço como um membro de um povo ou de uma tribo.

É assim que as ações de nossas mãos criam em torno de nós restos, fragmentos pessoais, de nossa vida, e fragmentos de humanidade naquilo que continua vivendo de nossas falas. Devemos separar muito claramente essas duas esferas. Tudo o que existe na natureza em torno de nós, os reinos mineral, vegetal e animal, é o resultado de ações do passado. Aquilo que é construído por nossas ações ao nosso redor é, de fato, algo novo que entra no mundo. Por meio de cada ser humano entra algo no mundo, um novo impacto, e através da humanidade também chegam novos impactos ao mundo.

Portanto, quando nós dizemos que o ser humano chega à Terra no meio da época lemúrica e cria pela primeira vez seu próprio carma, pois até então não tinha criado carma individual, devemos nos perguntar de onde vem esse carma, o que pode agir como algo novo no mundo? O carma só pode vir do nirvana. Naquela época {lemúrica} algo oriundo do nirvana tinha que agir no mundo para que pudesse ser criado a partir do “nada”. Os seres que naquela época fecundaram a Terra tinham que chegar até o nirvana.

Os seres de quatro patas se tornaram seres humanos porque foram fecundados por seres que desceram do plano do nirvana. Eles são chamados de mônadas. Essa é a razão pela qual naquele então seres dessa natureza tinham que descer {à Terra} do plano do nirvana. O ser que está em nós, o humano, é do plano do nirvana, é a mônada. Aqui entra algo completamente novo no mundo e se encarna naquilo que já existia, que, por sua vez, é o resultado integral de ações do passado.

Em consequência do exposto, distinguimos três níveis. O primeiro é o dos atos externos, gerados pelas mãos; o segundo é o que surge pela palavra falada; e o terceiro é o que age pelos pensamentos. Os pensamentos são muito mais abrangentes do que é causado através da palavra

falada. Os pensamentos não são como o idioma, pois diferentes povos falam idiomas diferentes, mas todos os pensamentos pertencem à humanidade.

É assim que o ser humano ascende das ações por meio das palavras para os pensamentos e assim ele será cada vez mais um ser coletivo. Não existe uma norma geral para o agir nem existe uma lógica das ações. Cada um deve agir por si próprio. Mas não existe um único idioma exclusivamente pessoal. O idioma pertence a um grupo. Mas os pensamentos pertencem a toda a humanidade. Assim, temos três estágios avançando no ser humano do especial para o geral: as ações, as palavras e os pensamentos.

À medida que a pessoa se expressa no seu entorno, ela deixa os rastros do espírito geral da humanidade sob a forma de pensamentos; as palavras são os rastros de uma alma grupal humana; e as suas ações constituem os rastros de sua essência humana. Tudo isso se expressa da maneira mais clara quando se aponta para os resultados daquilo que age por meio de cada estágio isolado. Uma individualidade é como um fio, que perpassa todas as formas pessoais que surgem nas diferentes encarnações. Uma individualidade cria para as próximas encarnações. O povo na qualidade de uma comunidade da palavra cria para novos povos.

A humanidade cria para uma nova humanidade, para um novo planeta. O que o ser humano faz para si mesmo tem significado para a próxima encarnação; o que um povo fala tem um significado para a próxima sub-raça, para a próxima encarnação de um povo. E quando existir um mundo no qual o nosso pensar não mais viverá como pensar, mas se manifestará nas consequências desse pensar, então aí estará a nova humanidade, ou seja, um novo planeta. Sem esse amplo ponto de vista não poderíamos entender o carma.

O que pensamos tem significado para os próximos ciclos planetários. Vamos avaliar a seguinte questão: o gênero humano que surgirá de nós e irá morar num planeta futuro ainda vai pensar? Assim como é muito improvável que um novo gênero humano falará o mesmo idioma do gênero anterior, assim também é muito improvável que a futura humanidade ainda pensará. É ridículo quando nos perguntamos em pensamento o que é a divindade. No próximo planeta, o ser humano não pensará, mas irá apreender o seu entorno por meio de outra atividade, de uma maneira muito diferente da atual. Pensar é algo que pertence a nós. Quando esclarecemos através do pensar o que o mundo é, esse esclarecimento do mundo é exclusivamente para nós. Isto é de um alcance ingente, porque o ser humano vê como ele está entrelaçado nos fios do carma e como vive e tece nesse tecido integral, também como humanidade.

Quando o ocultista oriental explica estes temas, ele diz o seguinte: toda a nossa vida é assim como se estivéssemos cercados das fronteiras criadas pelo ação, pela fala e pelo pensar. Se deixarmos de pensar nisso tudo, praticamente não fica mais nada do ser humano corriqueiro. Que ele ainda tem algo quando vai além de tudo isso é consequência do esoterismo. O que ainda fica é a vivência do nirvana. Se depois disso ele ainda tem algo, isso é consequência do esoterismo. O que ainda fica, isso é a vivência do nirvana.

O espírito do planeta, que apresenta a essência do mundo, está atualmente encarnado no pensar; porém, no futuro, estará encarnado em algo diferente.

* GA 93a Elementos esotéricos básicos Rudolf Steiner Verlag, Dornach, 1987.